INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Cristianismo e Voto na Direita Radical: O Papel da Religiosidade, das Denominações e dos Partidos Democrata-Cristãos

Bernardo Manuel Santos Victoria Travassos Lourenço

Luís Miguel Louro Runa

Projeto de Iniciação Científica – ISCTE

Orientadora:

Doutora Ana Maria Belchior, Professora Auxiliar

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Abril, 2026

Cristianismo e Voto na Direita Radical: O Papel da Religiosidade, das Denominações e dos Partidos Democrata-Cristãos

Bernardo Manuel Santos Victoria Travassos Lourenço

Luís Miguel Louro Runa

Projeto de Iniciação Científica – ISCTE

Orientadora:

Doutora Ana Maria Belchior, Professora Auxiliar

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Abril, 2026

AGRADECIMENTOS

Como é natural, o nosso primeiro agradecimento é dirigido à Professora Ana Belchior, que nos inspirou a sermos mais ambiciosos e autocríticos. Tudo aquilo de positivo que este trabalho tem a oferecer é um resultado direto dos seus contributos. Se hoje somos mais curiosos e interessados no mundo da academia e da investigação do que eramos quando começamos este projeto, é graças à Professora.

Também gostaríamos de fazer um agradecimento geral ao Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-Iscte) pelo financiamento da bolsa de investigação e por nos permitir trabalhar nos seus espaços. O "Concurso de Iniciação Científica no Iscte" foi muito importante para nos aproximar da academia e experienciar o que é desenvolver um projeto de investigação. Por fim, agradecemos à nossa família, amigos, colegas e a todos aqueles que contribuíram indiretamente para o desenvolvimento deste estudo.

RESUMO

A direita radical tem crescido por toda a Europa. O seu aumento é acompanhado de um discurso favorável ao cristianismo. Paradoxalmente, a literatura indica que os cristãos mais religiosos são menos propensos a votar na direita radical. Apesar disto, o papel das denominações cristãs e dos partidos democrata-cristãos tem recebido pouca atenção. Este estudo procura contribuir para essa discussão. Expectámos que os cristãos votariam menos na direita radical quanto maior fosse a sua religiosidade e a representação parlamentar dos democrata-cristãos. Antecipámos que os protestantes votariam mais na direita radical. Também argumentámos que os mais religiosos votariam menos na direita radical no caso de serem católicos, ou em contextos de alta representação dos democrata-cristãos. Por fim, expectámos que os católicos seriam menos propensos a votar na direita radical quanto maior fosse a representação dos democrata-cristãos. As nossas hipóteses foram testadas através do European Social Survey (2024) para um agregado de cinco países da Europa Ocidental, na qual foi analisado o voto na direita radical face a duas alternativas distintas: os partidos democrata-cristãos e os partidos de direita moderada-secular. Os resultados indicam que os mais religiosos são menos propensos a votar na direita radical, em vez de num partido democrata-cristão ou de direita moderada. Em contextos de elevada representação dos democrata-cristãos, os protestantes são mais propensos a votar na direita radical, por contraste à direita moderada-secular. Por último, os resultados demonstram que os cristãos nem sempre consideram a democracia-cristã e a direita moderada-secular como alternativas equivalentes à direita radical.

Palavras-chave: Religiosidade; Catolicismo; Protestantismo; Direita Radical; Democracia-Cristã; Direita Moderada-Secular

ABSTRACT

The radical right has grown across Europe. This growth is accompanied by a favorable discourse toward Christianity. Paradoxically, the literature indicates that more religious Christians are less likely to vote for the radical right. Nevertheless, the role of Christian denominations and Christian democratic parties has received little attention. This study aims to contribute to this discussion. We hypothesize that Christians are less likely to vote for the radical right the greater their religiosity and the parliamentary representation of Christian democratic parties. We anticipate that Protestants are more likely to vote for the radical right. We also argue that more religious individuals are less likely to vote for the radical right if they are Catholic, or in contexts of high Christian democratic representation. Finally, we expect Catholics to be less likely to vote for the radical right as Christian democratic representation increases. These hypotheses are tested using the European Social Survey (2024) for a pooled sample of five Western European countries, in which radical right vote choice is examined against two distinct alternatives: Christian democratic parties and secular moderate right parties. The results indicate that more religious Christians are less likely to vote for the radical right over a Christian democratic or moderate right party. In contexts of high Christian democratic representation, Protestants are more likely to vote for the radical right over the secular moderate right. Finally, the results demonstrate that Christians do not always consider Christian democracy and the secular moderate right as equivalent alternatives to the radical right.

Keywords: Religiosity; Catholicism; Protestantism; Radical Right; Christian Democracy; Secular Moderate Right

ÍNDICE

RESUMO i
ABSTRACT ii
ÍNDICE iii
ÍNDICE DE FIGURAS iv
ÍNDICE DE QUADROS iv
INTRODUÇÃO 1
CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA 4
1.1. Quem Vota na Direita Radical 4
1.2. Cristianismo e Direita Radical 4
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA 10
2.1. Dados 10
2.2. Operacionalização 11
2.3. Definição dos Modelos 12
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS 14
3.1. Evolução da Representação das Direitas na Europa Ocidental (2004-2024) 14
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO 22
CONCLUSÃO 25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 27
ANEXOS 31
Anexo A - 31
Anexo B – 31
Anexo C – 31
Anexo D – 32
Anexo E – 32
Anexo F – 33
Anexo G – 33
Anexo H – 34
Anexo I – 34
Anexo J – 35
Anexo K – 35
Anexo L – 36
Anexo M – 36

ÍNDICE DE FIGURAS

Figuras 2.1. e 2.2. Modelo Conceptual das Hipóteses 1.1, 1.2 e 1.3……12

Figura 2.3. e 2.4. Modelo Conceptual das Hipóteses 2.1, 2.2 e 2.3……..12

Figura 3.5. Evolução da Representação das Direitas na Europa Ocidental (2000-2024)…….14

Figuras 3.6. Evolução do Voto nas Direitas na Alemanha, Áustria, Bélgica, Países Baixos e Suécia (2000-2024)……15

Figura 3.7. Efeito da interação entre o protestantismo e a representação dos democrata-cristãos na probabilidade de votar na direita radical…….18

Figura 3.8. Efeito da interação entre a religiosidade e a representação dos democrata-cristãos na probabilidade de votar na direita radical…….21

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1. Voto na Direita Radical (em vez de votar na democracia-cristã)……..…..17

Quadro 3.2. Voto na Direita Radical (em vez de votar na democracia-cristã)…….……...20

INTRODUÇÃO

A direita radical tem crescido por toda a Europa (Aktas, 2024). Contudo, a literatura que estuda o voto na direita radical tem em grande medida ignorado o efeito de fatores individuais, como a religiosidade e a denominação cristã, e institucionais, como a representação dos partidos-democrata-cristãos, salvo raras exceções (como Arzheimer & Carter, 2009). Apesar disto, a direita radical aumentou bastante nos últimos anos o número de menções discursivas que fez ao cristianismo (Schwörer, & Fernández-García, 2021; Schwörer & Romero-Vidal, 2020). Deste modo, esta investigação procura responder à seguinte pergunta de investigação: Em que medida a religiosidade, as denominações cristãs (católicos ou protestantes) e a representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos explicam o voto na direita radical, na Europa Ocidental?

Para adereçar esta questão, são formulados alguns objetivos. É conhecido que a direita radical ganhou eleitores de forma homogénea por toda a Europa Ocidental (Aktas, 2024), mas, do nosso conhecimento, nada se escreveu sobre a evolução comparada da representação desta força com outras famílias de direita no século XXI. Com vista a averiguar a expressão parlamentar da direita radical no seio das direitas é necessário traçar a evolução da representação dos partidos de direita moderada-secular, democrata-cristãos e de direita radical entre 2000 e 2024 (Objetivo 1), de modo perceber o crescimento eleitoral de cada uma destas forças partidárias ao longo do tempo.

Apesar do efeito da religiosidade já ter sido aferido em pesquisas prévias (Arzheimer & Carter, 2009; Immerzeel et al., 2013; Lubbers et al., 2003; Montgomery & Winter, 2015; Siegers & Jedinger, 2020; Wertz et al., 2012; van der Brug & Fennema, 2003), o contributo mais recente que analisa vários países (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022) usa dados relativamente antigos, presentes na oitava ronda do European Social Survey (2016). Deste modo, é incerto se a religiosidade continue a diminuir o voto na direita radical, nos dias de hoje. Como advogaram Arzheimer e Carter (2009), com o avanço da secularização, a religiosidade pode perder o seu efeito em algum momento. As diferenças entre denominações cristãs também têm sido particularmente ignoradas pela literatura. Os poucos trabalhos que abordam a diferença entre católicos e protestantes realizam análises nacionais relativamente antigas e limitadas ao contexto alemão, neerlandês e suíço (por exemplo, Arzheimer & Carter, 2009; Arzheimer & Berning, 2019). Apesar disso, é conhecido que os católicos, ao contrário dos protestantes, são pouco individualistas e votam coletivamente (Schwengler, 2005) em partidos democrata-

cristãos ou de direita moderada (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998). Logo, é possível que a propensão para votar na direita radical seja diferente entre denominações. Outro fator ao qual a literatura não tem dado muita atenção é a representação dos partidos democrata-cristãos. É conhecido que a representação parlamentar de um partido tende a influenciar a escolha eleitoral dos cidadãos. Quanto maior for a sua representação, mais atrativo é para o eleitor (van der Brug & Fennema, 2003). Como os partidos democrata-cristãos são uma alternativa naturalmente atrativa para o eleitorado cristão (Arzheimer & Carter, 2009), é expectável que a sua representação afete o voto na direita radical. Contudo, a literatura prévia ainda não aferiu este efeito, do nosso conhecimento. Devido a isto, é necessário aferir o efeito da religiosidade, denominações cristãs (católicos ou protestantes) e representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos sobre o voto na direita radical (Objetivo 2).

É possível que o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical não seja idêntico entre denominações cristãs. Católicos e protestantes são grupos com valores e hábitos coletivos distintos. Os protestantes convergiram mais cedo com a liberal-democracia e atribuem maior importância à sua individualidade do que os católicos (Mickenberg, 2018; Jagodzinski & Dobbelaere, 1995). Mas os católicos cultivaram ao longo das últimas décadas o hábito de votar coletivamente nos partidos de direita moderada, sejam cristãos ou seculares (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998), enquanto para os protestantes a escolha eleitoral é apenas individual (Camus, 2007). Devido à existência de diferenças importantes que podem afetar o sentido do voto (Knutset, 2004) e que não tem sido trabalhada em profundidade pela literatura, é relevante aferir em que medida a pertença ao catolicismo e ao protestantismo intensifica ou mitiga o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical (Objetivo 2.1).

Como já foi dito, a dimensão parlamentar dos partidos é considerada pelos eleitores durante o voto, aumentando o apelo dos partidos com maior expressão parlamentar em detrimento dos mais pequenos (van der Brug & Fennema, 2003). Por outro lado, os cristãos mais religiosos devem sentir uma maior aproximação a partidos democrata-cristãos (Arzheimer & Carter, 2009). Como tal, é razoável considerar que a atratividade dos partidos democrata-cristãos para os cristãos cresça caso estes partidos aumentem a sua representação parlamentar, sobretudo para os eleitores mais religiosos (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022). É importante voltar a testar este feito por duas razões. Em primeiro lugar, o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical não é seguro, à semelhança do que foi dito anteriormente. Em segundo, o crescimento da direita radical (Aktas, 2024) pode ter implicações na representação parlamentar dos democrata-cristãos. Se a representação dos partidos democrata-cristãos tiver diminuído muito, é possível que a direita radical se torne mais atrativa para os eleitores religiosos. Isto

leva à necessidade de aferir em que medida a representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos intensifica ou mitiga o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical (Objetivo 2.2).

É conhecido que os partidos democrata-cristãos são mais apoiados por católicos do que por protestantes. (Duncan, 2013; Schwengler, 2005). Assim, é possível que a representação parlamentar democrata-cristã não afete de igual modo a probabilidade de cada denominação votar na direita radical e que os católicos sejam mais sensíveis a isto do que os protestantes, visto que a sua fé possui um cariz institucional e coletivo (Lüchau, 2007; Jagodzinski & Dobbelaere, 1995). Por isso, importa aferir em que medida a pertença ao catolicismo e ao protestantismo intensifica ou mitiga o efeito da representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos sobre o voto na direita radical (Objetivo 2.3).

Apoiamo-nos no ESS (2024) e no Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) para responder a estes objetivos. Assim, identificámos que a religiosidade continua a diminuir a propensão para votar na direita radical, ao contrário das denominações cristãs e da representação dos partidos democrata-cristãos, que não são relevantes de todo. Apesar disto, os resultados sugerem que os protestantes tendem a votar na direita radical em contextos de maior representação dos partidos democrata-cristãos. Além disto, também constatamos que os partidos de direita moderada-secular e democrata-cristãos nem sempre são considerados pelos cristãos como opositores equivalentes à direita radical.

A revisão de literatura é apresentada no capítulo 1, começando por uma breve descrição das características dos partidos da direita radical e dos seus eleitores. Na secção 1.2 explora-se a relação entre o voto na direita radical e o cristianismo em geral, e a religiosidade, denominações cristãs e a representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos em particular. É também nesta etapa que estão presentes as hipóteses sobre os efeitos diretos e respetiva argumentação. Na secção 1.3 são estabelecidas as hipóteses relativas às três interações feitas entre as variáveis mencionadas anteriormente, assim como os argumentos que as sustentam. No capítulo 2 descrevemos a metodologia do estudo, a nível dos dados utilizados (2.1), da operacionalização de variáveis (2.2) e da definição dos modelos (2.3). No capítulo 3 são analisados os resultados a nível da evolução da representação dos partidos de direita ao longo do tempo (3.1) e dos efeitos diretos e das moderações (3.2). No quarto capítulo é feita a discussão dos resultados. Por fim, apresentamos a conclusão.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Quem Vota na Direita Radical

Antes de investigar o voto na direita radical, precisamos de definir as componentes ideológicas que constituem esta família de partidos. Mudde (2020) identifica duas componentes principais, sendo estas o autoritarismo e o nativismo. O autoritarismo é descrito como uma crença numa ordem social que pune os seus infratores, enquanto o nativismo, que é uma combinação de nacionalismo e xenofobia, concebe que os Estados devem ser habitados exclusivamente por grupos nativos (Mudde, 2020). De modo semelhante, Rydgren (2007) argumenta que o elemento etnonacionalista partilhado pelos partidos de direita radical é enraizado na idealização de um passado distante.

Em relação a quem vota na direita radical, sabemos que existem certos grupos mais propensos para o fazer. O eleitor típico da direita radical costuma ser do sexo masculino, jovem, com baixo nível de educação (Werts et al., 2012), e possuir atitudes anti-imigrantes e anti-refugiados (Mudde, 2020; Norris, 2005). Ainda no nível individual, o desemprego (Lubbers et al., 2003), as perceções sobre a ameaça imigrante (Aichholzer et al., 2016), o euroceticismo e a desconfiança política também contribuem positivamente para o voto na direita radical (Werts et al., 2012).

Os estudos sobre o papel da religiosidade no voto na direita radical têm obtido resultados ambíguos. Por um lado, Norris e Inglehart (2019) descobriram que a religiosidade é um dos principais preditores do voto em partidos autoritários, nos quais a direita radical é incluída. Mas outros contributos chegam a conclusões opostas (Arzheimer & Carter, 2009; Immerzeel et al., 2013; Lubbers et al., 2003; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015; Siegers & Jedinger, 2020; Wertz et al., 2012; van der Brug & Fennema, 2003). Aprofundamos sobre o efeito da religiosidade no voto na direita radical no capítulo seguinte.

1.2. Cristianismo e Direita Radical

Como a religiosidade é um fenómeno multifacetado e complexo, faz sentido que a sua conceptualização seja abrangente (Arzheimer e Carter, 2009). Segundo Arzheimer & Carter (2009), a religiosidade é uma combinação entre a filiação religiosa, a frequência de atendimento

de serviços religiosos (como a Igreja), as práticas religiosas privadas e a religiosidade auto-reportada. Esta conceptualização também é partilhada por Montegomery & Winter (2015), por exemplo.

Mesmo com o advento da secularização (Gorski & Altınordu, 2008), a religião continua a ser um tema relevante nas agendas partidárias. No caso da direita radical, são feitas menções frequentes ao cristianismo e islamismo nos seus programas eleitorais e redes sociais (Schwörer & Fernández-García, 2021; Schwörer & Romero-Vidal, 2020). Os partidos de direita radical apresentam-se como os defensores da fé e valores cristãos na Europa (Montegomery & Winter, 2015) contra o "perigo islâmico" (Schwörer, & Fernández-García, 2021). É possível que o discurso religioso da direita radical atraia eleitores cristãos, sobretudo se for tido em conta que este eleitorado possui atitudes nativistas (Montegomery & Winter, 2015; Xia, 2021). Contudo, este cenário não tem sido corroborado por investigações passadas, que concluem que estes partidos são maioritariamente seculares (Arzheimer, 2018; Mickenberg, 2018), e que a religiosidade diminui a probabilidade de votar na direita radical (Arzheimer & Carter, 2009; Immerzeel et al., 2013; Lubbers et al., 2003; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015; Siegers & Jedinger, 2020; Wertz et al., 2012).

A partir de teorias de desintegração social como a de Arendt (1958), foi sugerido que os cidadãos alienados da sociedade podiam ser cooptados pela direita radical e extremista. Neste sentido, os cidadãos que frequentam a igreja com regularidade estariam bem integrados na sociedade, e, portanto, não seriam seduzidos pelo discurso da direita radical (Montegomery & Winter, 2015). Todavia, não existem evidências fortes de que os indivíduos bem integrados na sociedade não votem nestes partidos (Rydgren, 2009). Arzheimer e Carter (2009) sugerem que os cristãos não votam na direita radical devido a serem altruístas e tolerantes, mas acabam por descartar esta possibilidade. Montegomery e Winter (2015) apresentam outra explicação mais credível. Os autores argumentam que os eleitores religiosos se apercebem de que o discurso religioso da direita radical não é uma defesa substancial do cristianismo (Montegomery & Winter, 2015). Na verdade, a retórica da direita radical é religiosa apenas em forma, sendo que a sua substância continua a ser nativista. Em alguns países a direita radical não distingue entre imigrantes e muçulmanos, criando alguma ambiguidade na utilização destes termos, algo que aconteceu com o *Freedom Party of Austria* (FPÖ), por exemplo (Hadj-Abdou, 2016). A palavra "islão" é esvaziada pela direita radical para ser preenchida com as características culturais atribuídas à comunidade muçulmana (Hadj-Abdou, 2016), criando uma distinção entre estes e os nativos (Van Kessel, 2016; Mazzoleni, 2016). Assim, é possível advogar a exclusão de minorias étnicas sem recorrer ao racismo *per se* (Arzheimer, 2025).

Brubaker (2017) advoga que esta estratégia discursiva é uma "invocação iliberal do liberalismo", através da qual a direita radical apela à exclusão de imigrantes com o pretexto de estar a proteger os direitos das mulheres e minorias sexuais, contra o perigo do islamismo radical. Ao mesmo tempo, ao "defender" os valores judaico-cristãos, a direita radical consegue afastar-se das suas origens antissemitas, evitando ser rotulada como "nacional-socialista" (Hafez, 2014). Partindo do pressuposto de que os cristãos mais religiosos compreendem que esta não se trata de uma verdadeira defesa dos seus valores religiosos (Brubaker, 2017; Montgomery & Winter, 2015) e tendo em consideração os resultados das investigações anteriores (Arzheimer & Carter, 2009; Immerzeel et al., 2013; Lubbers et al., 2003; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015; Siegers & Jedinger, 2020; Wertz et al., 2012), procuramos revalidar a hipótese 1.1 com dados mais atualizados já que o contributo mais recente sobre o efeito da religiosidade no voto na direita radical num largo conjunto de países usa dados de 2016 (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022).

Hipótese 1.1: Quanto maior a religiosidade, menor a propensão para votar em partidos de direita radical

Outra característica individual com potencial explicativo é a denominação cristã. Apesar de tanto católicos quanto protestantes tenderem a defender o sistema democrático-liberal (Mickenberg, 2018), existem diferenças entre estes grupos que podem afetar a escolha do partido em que votam (Knutset, 2004). Sabe-se que o pensamento protestante convergiu com o liberalismo e a aceitação da diversidade mais cedo do que o catolicismo (Mickenberg, 2018; Jagodzinski & Dobbelaere, 1995). Foi também nos países protestantes que a democracia se instalou em primeiro lugar, na Europa. Enquanto isso, em sociedades católicas, o liberalismo era visto como uma ameaça à Igreja. Foi depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) que a Igreja Católica aceitou os direitos humanos, o pluralismo e a democracia enquanto princípios fundamentais (Mickenberg, 2018). A direita radical, ao demonstrar a sua intolerância com o islamismo e um fraco compromisso com a democracia (Mudde, 2020) pode estar a dialogar de forma mais próxima com as raízes das sociedades católicas.

Mas não existem fortes evidências de que protestantes sejam mais resistentes à direita radical do que os católicos. Mesmo que a direita radical obtenha um número de votos considerável em países católicos, desde 1990 (Mickenberg, 2018), é sabido que isto acontece há muito mais tempo em países maioritariamente protestantes. Para exemplificar, na Suécia e

Dinamarca, a direita radical têm representação parlamentar desde meados da década de 70 (Camus, 2007).

A Igreja Católica possui uma doutrina bastante coesa e articulada, que facilita a partilha de normas sociais entre os seus fiéis, ao contrário do que acontece com os protestantes, cuja expressão da fé está associada a um pensamento individualista (Martin, 1985). Como a Igreja Católica se aliou aos partidos conservadores no passado, os seus fiéis criaram o hábito de votar em grupo na direita moderada (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998). Ao mesmo tempo, a emancipação dos partidos democrata-cristãos veio criar um novo polo de interesse para os eleitores católicos, que passaram a dispor de outra alternativa moderada para alocar o seu voto (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998). Por outro lado, não existem partidos confessionais de cariz protestante, o que faz com que estes denominacionais dispersem os seus votos individuais por vários partidos diferentes (Duncan, 2013; Schwengler, 2005), entre os quais pode constar a direita radical (Camus, 2007).

Em suma, temos a expectativa de que a escolha eleitoral dos protestantes, que depende sobretudo da individualidade de quem vota, pode pender mais para a direita radical, por comparação com os católicos (Camus, 2007), que votam agrupadamente (Schwengler, 2005) em partidos de direita moderada ou democrata-cristãos (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998). Com base nisto, formulámos a seguinte hipótese:

Hipótese 1.2: A propensão para votar na direita radical será maior junto dos eleitores protestantes por comparação às restantes denominações cristãs

Os partidos democrata-cristãos têm cinco características que os distinguem dos restantes (Bale & Szczerbiak, 2008). Em primeiro lugar, concebem a sociedade como uma unidade orgânica. É a partir desta conceção que surgem princípios como a solidariedade, por exemplo. Em segundo, atribuem importância à família, onde devem ser transmitidos valores culturais e sociais conservadores. Em terceiro, os democrata-cristãos apoiam uma economia social de mercado. Em quarto, na política internacional defendem a coexistência pacífica entre os Estados. Por último, estes partidos não se submetem à Igreja, mesmo que ambos defendam valores cristãos.

Na realidade, muitos partidos democrata-cristãos surgiram em oposição à Igreja Católica (Kalyvas & van Kersbergen, 2010). Mesmo assim, é conhecido que a democracia cristã continua a captar os eleitores religiosos (Arzheimer & Carter, 2009; Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022). Apesar disto, pouco se sabe sobre as implicações

eleitorais que a sua representação parlamentar poderá ter no voto em partidos de direita radical. Afinal, como a competição pelo eleitor religioso se dá à direita do espetro político, este eleitorado pode ser disputado pela direita moderada-secular, direita radical e democrata-cristãos (Arzheimer & Carter, 2009; Arzheimer, 2018).

Quando um eleitor tem interesse em dois partidos, este tende a votar no maior porque a sua probabilidade de subir ao poder e aplicar a sua agenda é mais alta (van der Brug, 2003). Portanto, é possível argumentar que, quando a representação eleitoral dum partido democrata-cristão aumenta, a sua capacidade de captar eleitores religiosos também cresça, em detrimento da direita radical ou de outros partidos que disputem o mesmo eleitorado. Assim sendo, defendemos que:

Hipótese 1.3: Quanto maior for a representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos, menor será a propensão para votar na direita radical

Na primeira hipótese foi defendido que a religiosidade diminui a propensão para votar na direita radical. Adicionalmente, existem estudos que nos indicam que este efeito pode ser mais intenso para os católicos. Na Alemanha, por exemplo, a propensão de um católico votar no AfD era menor em comparação com um protestante (Arzheimer & Berning, 2019). É possível que isto se deva à existência de diferentes níveis de religiosidade entre estas denominações.

Na Irlanda do Norte, os católicos frequentam mais a Igreja do que os protestantes (Giles & Cairns, 1996). Na Hungria surgem resultados semelhantes, além da autoidentificação religiosa dos católicos também ser maior que a dos protestantes (Tomka & Harcsa, 1999). Um estudo de Coutinho (2016) agrupou vários países segundo a religiosidade dos seus cidadãos. Os países protestantes estavam representados no grupo dos menos religiosos, enquanto os católicos se inseriam no grupo dos moderadamente religiosos (Coutinho 2016).

Como os cristãos mais religiosos provavelmente se apercebem de que a apropriação discursiva da religião por parte da direita radical é apenas instrumental (Montgomery & Winter, 2015), é expectável que os católicos, que se têm demonstrado mais religiosos que os protestantes, sejam menos propensos a votar nestes partidos.

(Hipótese 2.1): O efeito negativo da religiosidade sobre a propensão para votar na direita radical será maior juntos dos eleitores católicos por comparação a outros eleitores cristãos

Quando os partidos democrata-cristãos têm uma representação parlamentar ampla, a direita radical vai ter dificuldade em expandir-se para o eleitorado religioso, criando um efeito de vacinação ou inoculação contra o voto nos partidos desta família (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022). Este efeito apenas se observa na Europa ocidental porque que no Leste existem poucos exemplos de partidos democrata-cristãos de sucesso (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022). Na Polónia, por exemplo, existe uma grande promiscuidade entre a Igreja e os partidos de direita radical (Montegomery & Winter, 2015). Parte desta aproximação deve-se ao facto de não existir um partido democrata-cristão ou de direita moderada-secular que defenda os interesses da Igreja na arena política. Mas a Polónia é uma exceção no contexto europeu, e na maioria dos outros países os eleitores cristãos podem votar em partidos moderados que defendam os seus interesses religiosos (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015). Como na Europa Ocidental os cristãos se identificam com os partidos democrata-cristãos, o que os pode afastar da direita radical (Arzheimer & Carter, 2009; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022), esperamos que o crescimento da representação parlamentar destes partidos aumente a sua capacidade natural de captar o eleitorado religioso. Isto leva-nos à hipótese que se segue:

(Hipótese 2.2): O efeito negativo da religiosidade sobre a propensão para votar na direita radical será maior em sistemas com maior representação dos partidos democrata-cristãos

A dependência de uma agência institucional na expressão da fé varia entre denominações. Na fé protestante, a relação entre o indivíduo e Deus é direta e por isso não carece de agentes intermediários como a Igreja. Em contraste, o catolicismo prega por um credo coletivo, onde a intermediação da Igreja é fundamental (Jagodzinski & Dobbelaere, 1995), visto que sem ela não existe salvação (Lüchau, 2007). O facto de os partidos democrata-cristãos serem mais apoiados por católicos do que por protestantes (Duncan, 2013; Schwengler, 2005) pode ser um reflexo da maior dependência institucional dos primeiros. Assim, é possível que os católicos sejam mais sensíveis ao crescimento eleitoral dos partidos democrata-cristãos e isso afete a sua predisposição para votar na direita radical. Também é importante relembrar que praticamente todos os partidos democrata-cristãos europeus são tradicionalmente católicos (Duncan, 2013), o que evidencia a existência de um elo forte entre estes dois atores. Ancorados nisto, formulámos a seguinte hipótese:

(Hipótese 2.3): O efeito negativo da representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos na propensão para votar na direita radical, será maior junto dos católicos, por comparação às restantes denominações cristãs

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1. Dados

Para a análise empírica, é utilizada a 11ª ronda do *European Social Survey* (2024), que tem dados a nível micro. O foco está nos países que têm pelo menos um partido de direita moderada-secular, direita radical e democrata-cristão com representação parlamentar à data da realização do inquérito do *European Social Survey* (2024). Seguindo o método dos casos mais semelhantes (Lopes & Heyne, 2024), extraímos da Europa Ocidental os únicos cinco países que possuíam representação parlamentar de pelo menos um partido das três forças de direita, à data da aplicação do inquérito do ESS (2024), sendo estes a Alemanha, a Áustria, a Bélgica, os Países Baixos e a Suécia.

Os partidos de direita radical e democratas-cristãos foram selecionados através do Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025). Os partidos de direita moderada-secular, que não são religiosos nem radicais, foram escolhidos com base na mesma fonte. Os conservadores foram incluídos na direita moderada-secular, dada a sua presença em pesquisas anteriores (Arzheimer & Carter, 2009; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022). De modo a separarmos os liberais de esquerda e os liberais de direita, economicamente falando, recorremos à variável lrecon[1], do Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) e incluímos apenas os segundos na direita moderada-secular. Deste modo, a direita moderada-secular equivale à direita *mainstream* quando os democrata-cristãos são excluídos. Assim, incluímos na análise todas as famílias de direita (Bale & Kaltwasser, 2021). Após excluirmos todos não cristãos, ficamos com uma amostra de 609 elementos.

[1] A variável lrecon classifica os partidos de acordo com a sua posição económica geral e está distribuída numa escala de 0 a 10, onde 0 equivale à extrema-esquerda e 10 à extrema-direita. Incluímos na análise os liberais que estão entre o 5 e o 10, ou seja, entre o centro-direita e a extrema-direita.

2.2. Operacionalização

Existem duas variáveis dependentes que captam o voto na direita radical. Ambas foram construídas a partir do conjunto de variáveis "partido votado na última eleição nacional"[2] para cada país da amostra (ESS, 2024). A categoria 1 das duas variáveis corresponde ao voto nos partidos de direita radical. A diferença está na categoria 0. Na primeira variável dependente, a categoria 0 corresponde ao voto nos partidos democrata-cristãos, enquanto na segunda a categoria 0 equivale ao voto nos partidos de direita-moderada secular.

A operacionalização da religiosidade é igual à de Arzheimer & Carter (2009), que calculam a média da autoidentificação religiosa, medida de 0 (Nada Religioso) a 10 (Muito Religioso)[3], da frequência de oração, medida numa escala invertida de 1 (Nunca) a 7 (Todos os dias)[4] e da frequência de atendimento de serviços religiosos, também numa escala invertida de 1 (Nunca) a 7 (Todos os dias)[5]. O Anexo A mostra que estas variáveis tem uma consistência interna (α = 0,774) considerada adequada (Kline, 2016, p. 92).

A denominação cristã foi separada em duas variáveis. A primeira inclui os eleitores católicos (1 – Católico; 0 – Pertence a outra denominação cristã) e a segunda os protestantes (1 – Protestante; 0 – Pertence a outra denominação cristã)[6].

A representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos corresponde à percentagem de assentos que ocupam na câmara baixa da sua Assembleia Nacional, após cada eleição. Este cálculo foi feito consoante os dados disponíveis no Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025), até 2017 para todos os países[7]. Desse ano em diante, a representação dos democrata-cristãos foi obtida através do Inter-Parliamentary Union (2025). Na França, o Inter-Parliamentary Union (2025) substituiu Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) também entre 2002 e 2006[8]. A recolha de dados para a representação parlamentar da direita radical e da direita moderada-

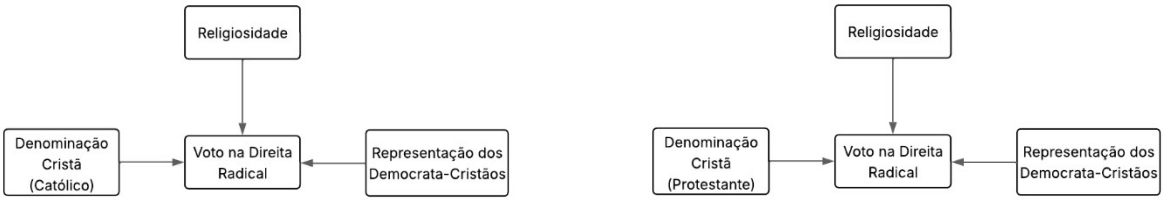
[2] O nome original é "*party voted for in last national election*"
[3] O nome original é "How religious are you" (rlgdgr)
[4] O nome original é "How often pray apart from at religious services" (pray)
[5] O nome original é "How often attend religious services apart from special occasions" (rlgatnd)
[6] O nome original é "Religion or denomination belonging to at present"
[7] A partir de 2017, a variável SEAT (*seat share)* apresenta valores inflacionados. Por exemplo, em Portugal, a representação parlamentar da direita radical em 2024 (composta apenas pelo partido CHEGA) é de 50%. Na França, os partidos liberais compunham 157% dos assentos totais do parlamento, em 2024. Na Alemanha, a família dos democrata-cristãos compõe 197% da assembleia, desde 2021 (Rovny, et al., 2025)
[8] Entre este período, a variável SEAT (*seat share*) também tem valores irrealistas. Um exemplo é o facto de que a família dos partidos conservadores ocupar 126% dos assentos parlamentares, segundo esta fonte.

secular, usadas apenas para fins descritivos, seguiu o mesmo processo.

Selecionamos um conjunto de controlos já utilizados em trabalhos semelhantes (Arzheimer & Carter, 2009; Montegomery & Winter, 2015), como o género (0 – Masculino; 1 – Feminino), idade (número de anos feitos), rendimentos do agregado familiar (medido numa escala de 10 pontos, onde cada valor corresponde a um percentil de riqueza) e escolaridade (número de anos de escolaridade concluídos).

De modo a evitar a multicolinearidade não essencial (Marôco, 2021, p.745) as variáveis independentes ("Religiosidade", "Representação dos Partidos Democrata-cristãos" e as dummies "Católico" e "Protestante) foram centradas na média. Depois deste passo foram calculadas as interações entre as variáveis independentes, com foco em aferir o efeito das moderações (Religiosidade com a Denominação Cristã; Religiosidade com a Representação dos Partidos Democrata-Cristãos e Denominação Cristã com a Representação dos Partidos Democrata-Cristãos).

2.3. Definição dos Modelos



Figuras 2.1 e 2.2 – Modelo Conceptual das Hipóteses 1.1, 1.2 e 1.3

Fonte: Elaboração Própria

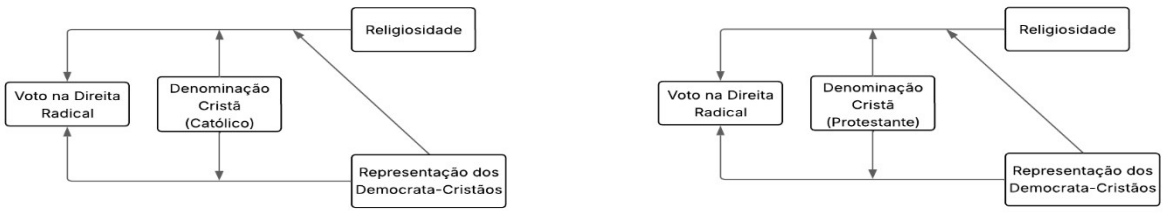


Figura 2.3 e 2.4 - Modelo Conceptual das Hipóteses 2.1, 2.2 e 2.3

Fonte: Elaboração Própria

Para a análise dos resultados, preparamos quatro modelos, cada um com 3 blocos. O primeiro bloco inclui os controlos, o segundo as variáveis independentes e o terceiro os efeitos de interação. Tanto no primeiro como no segundo modelo a categoria 0 da variável dependente é "Votou num partido democrata-cristão". No primeiro modelo a denominação cristã incluída é o catolicismo e no segundo modelo é o protestantismo. As hipóteses são testadas através do 1º e 2º modelos.

No terceiro e quarto modelos a categoria 0 da variável dependente é "Votou num partido de direita moderada-secular". O terceiro modelo trata o catolicismo e o quarto o protestantismo.

Como não existe concordância na literatura sobre os partidos de direita moderada e democrata-cristãos serem (Gidron & Ziblatt, 2019) ou não (Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022) equivalentes para os eleitores cristãos, faz sentido que a categoria 0 da variável dependente apenas inclua uma família partidária de cada vez. Por outras palavras, como não é conhecido se os cristãos consideram a democracia-cristã e a direita moderada-secular como alternativas equivalentes à direita radical, é necessário separar o voto nestes dois partidos em variáveis diferentes.

Não obstante, as hipóteses são testadas apenas quando a categoria 0 corresponde ao voto nos partidos democrata-cristãos, visto que é esse o foco do estudo. Os modelos onde o voto nos partidos de direita moderada-secular ocupa a categoria 0 da variável dependente servem apenas para fazer análises suplementares e enriquecer os resultados. Realizamos as regressões logísticas através do SPSS *Statistics*. De modo a visualizar os valores previstos das moderações, recorremos ao R e ao pacote marginaleffects (Arel-Bundock, et al., 2024). Ainda nas moderações, quando se visualiza o efeito da interação entre a religiosidade e a representação dos democrata-cristãos, dividimos esta última em três categorias: a representação alta (média da representação + 1 desvio-padrão), a representação média (média da representação) e a representação baixa (média da representação – 1 desvio-padrão).

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

3.1. Evolução da Representação das Direitas na Europa Ocidental (2004-2024)

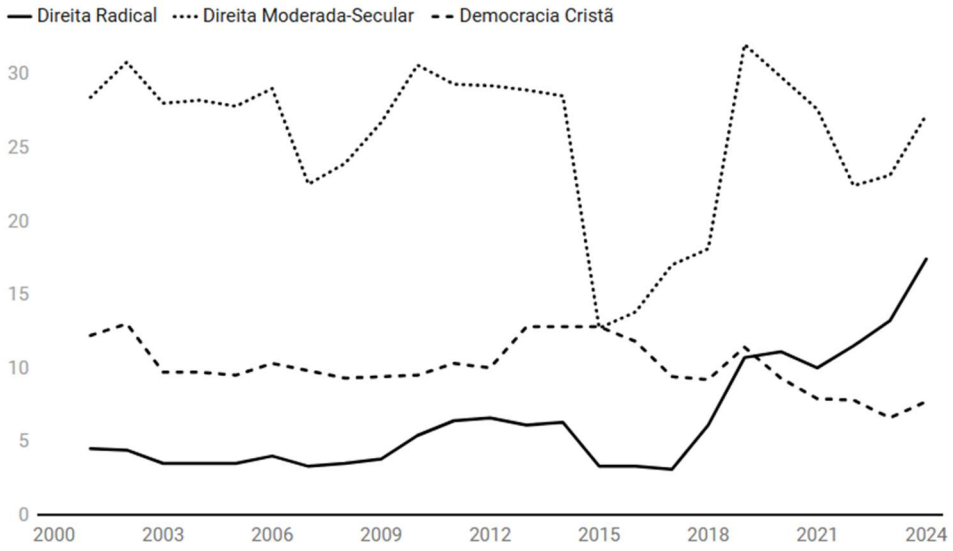


Figura 3.5 Evolução da Representação das Direitas na Europa Ocidental (2000-2024)

Fonte: Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) & Inter-Parliamentary Union (2025)

A figura 3.5 ilustra o crescimento da proporção de assentos parlamentares da direita radical, democracia cristã e direita-moderada secular, em 15 países da Europa Ocidental, entre 2000 e 2024. A ordem dos partidos de direita com maior proporção de votos não sofreu alterações muito importantes até 2014, época em que a direita moderada-secular regrediu em proporção de assentos parlamentares, ao ponto de ficar quase empatada com os democrata-cristãos. A direita moderada-secular foi o grupo de partidos mais votado, seguido pela democracia cristã em segundo e pela direita radical em último. Em 2015 as direitas sofrem uma pequena quebra, com a exceção da direita moderada-secular que decaiu bastante. Desse ano em diante todas as famílias recuperaram, apesar da democracia cristã não ter consigo voltar ao número de assentos que tinha até 2015, tornando-se na força menos votada. A direita radical cresceu exponencialmente até 2019, onde estagnou até 2021. Daí em diante cresceu ainda mais, ao contrário da direita moderada-secular e da democracia cristã que perderam assentos, em comparação ao que tinham em 2019.

Entre 2019 e 2024 a democracia cristã decaiu e a direita radical aumentou em representação, o que pode sugerir que houve transferência de votos. Porém, é importante que notar que a direita

moderada-secular, mesmo que tenha diminuído de 2019 a 2021, recuperou alguma proporção de assentos até 2024. Sumarizando, a figura 3.5 não permite aferir se o crescimento da direita radical influenciou de algum modo a proporção de assentos das restantes forças. Vale argumentar que isto se trata dum conjunto de dados de 15 países europeus que não capta as particularidades nacionais. Não é possível observar se estas tendências se aplicam nos cinco países que analisamos com maior detalhe neste trabalho. Para isso, analisamos a evolução da representação parlamentar destas forças de direita na Alemanha, Áustria, Bélgica, Países Baixos e Suécia a nível nacional no subcapítulo seguinte.

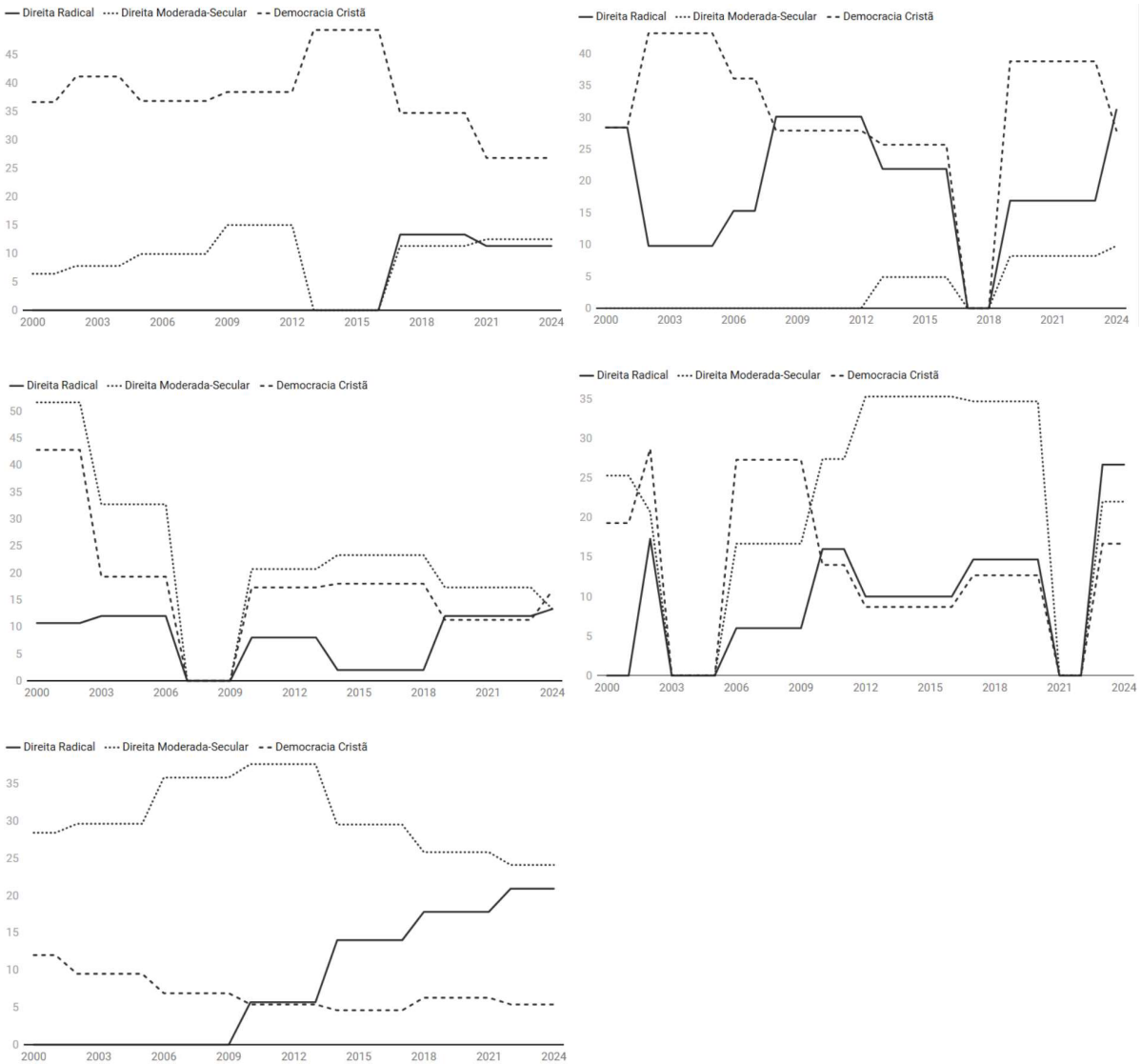


Figura 3.6. Evolução da Representação das Famílias de Direita na Alemanha, Áustria, Bélgica, Países Baixos e Suécia (2000-2024)

Fonte: Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) & Inter-Parliamentary Union (2025)

A figura 3.6 ilustra uma diferença do contexto alemão. A proporção de votos da direita moderada-secular e da democracia cristã é espelhada na perfeição até 2020. A direita radical aumenta a sua representação a partir de 2017, altura em que o espelho da evolução da representação da direita moderada-secular e democracia cristã se quebra. A entrada deste *player* não causou mudanças muito salientes, já que os democrata-cristãos mantiveram uma representação quase idêntica e a direita moderada-secular decaiu, mas não a custo do crescimento da direita radical.

Na Áustria, a direita radical e a democracia cristã evoluem de forma completamente inversa, entre 2002 e 2007, o que pode indicar que neste período estavam a disputar eleitorados semelhantes. Desde aí ambas as forças estagnaram até 2012, ano a partir do qual decaíram suavemente até 2016. De 2016 a 2018 o Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025) não possui dados sobre a representação parlamentar de nenhum partido de direita na Áustria. A evolução entre a direita radical e os democratas-cristãos estagnou outra vez até 2024, mas voltou a espelhar-se em 2024. A direita moderada-secular ganhou representação em 2013 e cresceu levemente até 2024, sem que pareça ter afetado as outras forças, como se verifica na figura 3.6.

Na Bélgica os três grupos evoluíram de forma bastante semelhante. Entre 2000 e 2006 as direitas democráticas decaíram em conjunto e a direita radical manteve-se relativamente constante. De 2007 e 2009 houve outro lapso de dados no Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025). Em 2014, a representação parlamentar da direita radical evoluiu no sentido inverso da direita moderada-secular e da democracia cristã, o que pode indiciar alguma transferência de votos nessa eleição. Em 2023, os democratas-cristãos tornaram-se na força mais votada, ultrapassando a direita moderada-secular, que decaiu, e a direita radical que cresceu num ritmo menor.

Nos Países Baixos observa-se uma evolução relativamente espelhada entre 2010 e 2020, com a direita moderada-secular a absorver grande parte do eleitorado e a democracia-cristã e direita radicais a decaírem numa proporção de assentos praticamente idêntica entre si. A figura 3.6 demonstra que existiram dois lapsos de dados, entre 2003 e 2005 e entre 2021 e 2022 (Rovny, et al., 2025).

Até 2009, a representação da democracia cristã na Suécia decaiu numa medida praticamente idêntica aos ganhos da direita moderada secular. A partir do momento em que a direita radical adquire o seu primeiro deputado em 2010, e continua a crescer até 2024, a democracia cristã mantém-se quase constante. Noutra perspetiva, o crescimento da direita radical é completamente paralelo ao decréscimo da direita moderada-secular, como se constata pela figura 3.6. Isto evidencia que o crescimento da direita radical pode ter abafado qualquer

aumento na representação dos democrata-cristãos, ao mesmo tempo que pode ter contribuído para a quebra da direita moderada-secular.

Quadro 3.1. Voto na Direita Radical (em vez de votar na democracia-cristã)

Fonte. ESS (2024)

	Católicos			Protestantes		
	1	2	3	1	2	3
1. Género	-,300	-,152	-,178	-,300	-,153	-,208
2. Idade	-,052***	-,045***	-,046***	-,052***	-,045***	-,047***
3. Educação	-107*	-,108*	-,107*	-,107*	-,107*	-,106*
4. Rendimento	-,224***	-,240***	-,241***	-,224***	-241***	-,242***
5. Religiosidade		-,357***	-,369***		-,354***	-,365***
6. Denominação Cristã		-,168	-,284		,059	,308
7. Representação Democratas-Cristãos		,007	-,003		,002	-,017
8. Religiosidade X Denominação Cristã			,137			-,294
9. Religiosidade X Representação			-,001			-,006
10. Representação X Denominação Cristã			-0,50			,099(,059)
Nagelkerke R^2	18,1%	24,7%	25%	18,1%	24,7%	25,7%

Notas. N = 609.

* p < ,05. *** p < ,001. # Qualquer p-value situado entre parêntesis é considerado marginalmente significativo

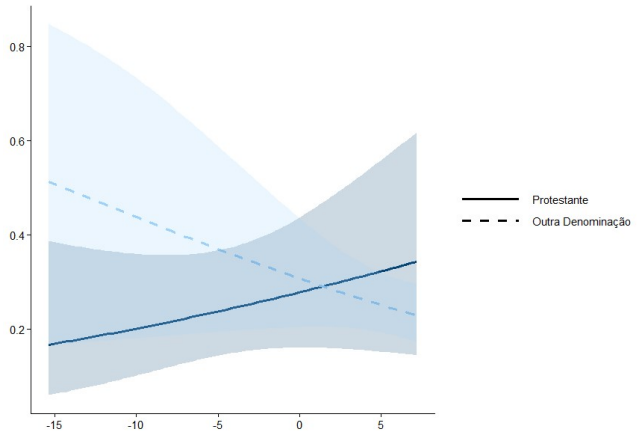


Figura 3.7. Efeito da interação entre o protestantismo e a representação dos democrata-cristãos na probabilidade de votar na direita radical

Fonte. ESS (2024)

Nesta secção testamos as nossas hipóteses através de duas regressões logísticas, para um intervalo de confiança de 95%. A primeira inclui a *dummy* "Católico" e a segunda a *dummy* "Protestante". O voto na direita radical, ao invés da democracia-cristã, é a nossa variável dependente. Nas regressões, corremos em primeiro lugar o bloco dos controlos para assegurar que não afetavam os resultados. De seguida, testamos as variáveis independentes e por último as interações.

O quadro 3.1 demonstra que todos os controlos afetam o voto na direita radical de forma significativa ($p < 0,05$), exceto o género ($p > 0,05$). Ao introduzir o bloco das variáveis independentes, observa-se que, relativamente à hipótese 1, onde foi argumento que a religiosidade afeta de forma negativa o voto na direita radical, o efeito é significativo ($\beta = -0,357$, $p < 0,001$; $\beta = -0,354$, $p < 0,001$). Na hipótese 1.2 foi previsto que os protestantes seriam mais propensos a votar na direita radical. Contudo, isto não se verifica, já que as filiações ao catolicismo ($\beta = -0,168$) e protestantismo ($\beta = 0,059$) não afetam a escolha entre votar na direita radical e na democracia cristã ($p > 0,05$). De modo idêntico, a representação dos democrata-cristãos também não tem um efeito significativo ($\beta = 0,007$, $p > 0,05$; $\beta = 0,002$, $p > 0,05$), o que conduz à rejeição há hipótese 1.3, onde se expectou que teria.

Na hipótese 2.1 foi previsto que os crentes mais religiosos iriam votar ainda menos na direita radical caso fossem católicos. Mas ao introduzir as moderações é possível verificar que a interação entre as denominações cristãs e a religiosidade não afeta o voto na direita radical,

seja com católicos (β = 0,137, p > 0,05) ou protestantes (β = 0,294, p > 0,05). Portanto, não é possível sustentar esta hipótese.

O efeito da moderação da representação dos partidos democrata-cristãos sobre a religiosidade no voto na direita radical também não atinge significância estatística (β = 0,001, p > 0,05; β = 0,006, p > 0,05), o que providencia evidências para rejeitar a hipótese 2.2, onde foi esperado que os mais religiosos iriam votar ainda menos na direita radical quando a representação dos democrata-cristãos fosse alta.

Na hipótese 2.3 foi argumentado que a propensão para votar na direita radical iria diminuir quanto maior fosse a representação dos partidos democrata-cristãos, sobretudo para os católicos. De forma interessante, o efeito da representação dos partidos democrata-cristãos sobre o voto na direita radical segue caminhos diferentes, dependendo das denominações cristãs. O quadro 3.1 demonstra que para os protestantes o voto na direita radical é afetado de forma significativa e positiva, mas apenas marginalmente, pela representação dos democrata-cristãos (β = 0,099, p = 0,059). Contudo, este efeito não é significativo para os católicos (β = -0,050, p > 0,05). Por outras palavras, existem evidências de que os protestantes tendem a votar mais na direita radical quando a representação dos democrata-cristãos aumenta, mas o inverso não pode ser dito sobre os católicos. Mas, como os intervalos de confiança se sobrepõe em todo o eixo do X, como ilustra a figura 3.7., este resultado tem de ser interpretado com reservas. Como tal, não confirmamos a hipótese 2.3.

Quadro 3.2. Voto na Direita Radical (em vez de votar na direita moderada-secular)

Fonte. ESS (2024)

	Católicos			Protestantes		
	1	2	3	1	2	3
1. Género	-,372	-,441(,089)	-,390	-,372	-,442(,088)	-,440(,093)
2. Idade	-,026***	-,021*	-,018*	-,026***	-,021*	-,021*
3. Educação	-220***	-,188***	-,186***	-,220***	-,185***	-,181***
4. Rendimento	-,315***	-,313***	-,315***	-,315***	-,312***	-,309***
5. Religiosidade		-,151(,056)	-,175*		-,154(,052)	-,171*
6. Denominação Cristã		-,529	-,353		,581	,722
7. Representação Democratas-Cristãos		,124***	,116***		,126***	,113***
8. Religiosidade X Denominação Cristã			-,382			,012
9. Religiosidade X Representação			,033*			,019
10. Representação X Denominação Cristã			,014			,045
Nagelkerke R^2	32,3%	44,6%	45,8%	32,3%	44,7%	45,4%

Notas. N = 404.

* p < ,05. *** p < ,001. # Qualquer p-value situado entre parêntesis é considerado marginalmente significativo

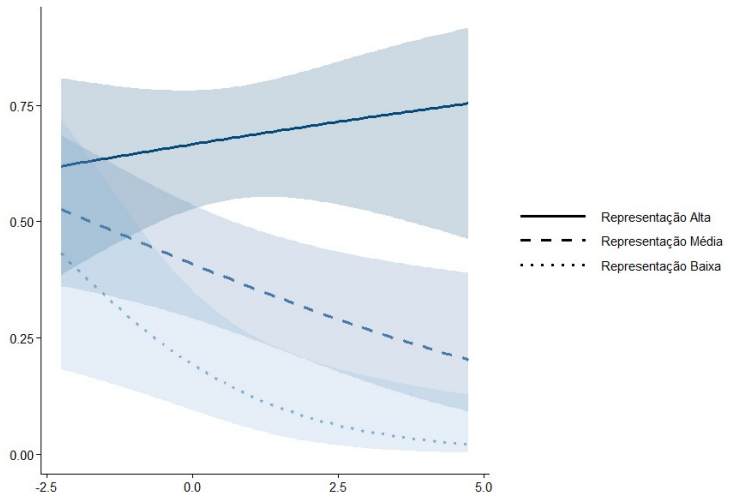


Figura 3.8. Efeito da interação entre a religiosidade e a representação dos democrata-cristãos na probabilidade de votar na direita radical

Fonte: ESS (2024)

Nesta secção, corremos duas regressões logísticas idênticas às anteriores, mas com outra variável dependente, apesar da categoria de referência continuar a ser o voto na direita radical. A mudança está na categoria 0 da variável, que passa a corresponder ao voto nos partidos de direita moderada-secular.

Observamos que a religiosidade continua a diminuir a propensão para votar na direita radical (β = -0,151; β = -0,154), apesar do efeito ser marginal (p = 0,056; p = 0,052). Ao contrário da religiosidade, as denominações cristãs não afetam significativamente o voto na direita radical (β = -0,529, $p > 0,05$; β = -0,581, $p > 0,05$).

De forma surpreendente, observa-se que, para os cristãos, quanto maior for a representação dos partidos democrata-cristãos maior é a probabilidade de votar na direita radical, por comparação a um partido de direita moderada-secular (β = 0,124, $p < 0,001$; β = 0,126, $p < 0,001$). É importante relembrar que quando a categoria 0 da variável dependente equivale ao voto em partidos democrata-cristãos, o efeito é inverso.

O quadro 3.2 demonstra que o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical não é moderado com significância por nenhuma denominação (β = -0,382, $p > 0,05$; β = 0,012, $p > 0,05$). A religiosidade é moderada com significância estatística pela representação dos democrata-cristãos na primeira regressão (β = 0,033, $p < 0,05$), mas não na segunda (β = 0,019, $p > 0,05$). Na figura 3.8. observa-se que o efeito da religiosidade sobre o voto na direita radical é positivo quando a representação dos democrata-cristãos é alta, e negativo quando a

representação é baixa ou média. Os intervalos de confiança sobrepõem-se apenas em alguns valores da religiosidade, o que diminui as incertezas sobre as diferenças entre os grupos de representação, principalmente entre a alta e a baixa. As denominações cristãs não moderam o efeito da representação da democracia cristã sobre o voto na direita radical com significância estatística ($\beta = 0{,}14$, $p > 0{,}05$; $\beta = 0{,}45$, $p > 0{,}05$).

CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO

Arzheimer e Carter (2009) sugeriram que o efeito de vacinação exercido pela religiosidade sobre o voto na direita radical deveria diluir-se ao longo do tempo, devido ao avanço da secularização. Mas os nossos resultados sugerem que a religiosidade continua a vacinar os eleitores cristãos contra o voto na direita radical. Ao mesmo tempo, estes resultados também não se alinham com Norris e Inglehart (2019), que chegam a um efeito oposto.

A representação parlamentar dos democrata-cristãos não afeta a escolha entre votar na direita radical ou na democracia cristã, o que pode ser explicado em duas perspetivas. Recorrendo ao argumento de que, entre dois partidos igualmente interessantes o eleitor tenderia a escolher aquele com maiores chances de aplicar a sua agenda (van der Brug, 2003), é possível que a ausência de um efeito significativo se deva à possibilidade deste argumento não se aplicar, ou à possibilidade do interesse dos cristãos nos partidos democrata-cristãos e de direita radical se ter aproximado.

Afinal, também existem motivos para acreditar que, para os cristãos, os partidos de direita radical se têm tornado progressivamente mais interessantes. Por um lado, sabemos que os democrata-cristãos têm abandonado algumas das suas bandeiras tradicionais (Gidron & Ziblatt, 2019) e por outro a direita radical tem usado uma estratégia discursiva cada vez mais favorável ao cristianismo (Montegomery & Winter, 2015). Assim, as diferenças entre ambos podem ter-se diluído mais recentemente, o que pode fazer com que a representação dos democrata-cristãos seja relativamente indiferente para os cristãos, já que ambas as opções podem ser coniventes com os seus interesses.

Os resultados também indicam que a representação dos democrata-cristãos fomenta o voto na direita radical, quando a escolha se dá entre esta e a direita moderada-secular. A pergunta que se coloca é a seguinte: como pode a representação dos democrata-cristãos não afetar o voto na direita radical no primeiro caso e afetar no segundo? Este *puzzle* é facilmente resolvido se rejeitarmos a ideia de que a democracia cristã e a direita moderada-secular são funcionalmente

equivalentes, pelo menos para o eleitorado cristão, tal como fizeram Marcinkiewicz e Dassonevvile (2022), ao rejeitar o argumento de Gidron e Ziblatt (2019). Mas assim surge uma contradição. Se estas famílias de partidos não são equivalentes, então por que razão os nossos resultados sugerem que os cristãos mais religiosos preferem não votar na direita radical, em comparação com a democracia-cristã ou a direita moderada-secular? A resposta mais intuitiva seria argumentar que estas famílias partidárias podem ser equivalentes para determinadas franjas do eleitorado cristão ou apenas em contextos específicos. Para os mais religiosos ambas as alternativas à direita radical são funcionalmente equivalentes. Mas quando a representação dos partidos democrata-cristãos seja alta os cristãos em geral não as consideram equivalentes.

Por outro lado, também não existem evidências que provem o argumento de que a escolha eleitoral dos protestantes, baseada na sua individualidade, teria a pender mais para a direita radical, em comparação com os católicos (Camus, 2007), que votariam coletivamente (Schwengler, 2005) em partidos de direita moderada-secular e democrata-cristãos, por tradição (Kalyvas & van Kersbergen, 2010; Kalyvas, 1998). Da mesma forma, as diferenças entre denominações não moderam o efeito da religiosidade e da representação dos partidos democrata-cristãos sobre o voto na direita radical.

Ainda assim, existe uma exceção. Os nossos resultados sugerem que os protestantes tendem a votar mais na direita radical, por comparação à democracia cristã, quando a representação dos democrata-cristãos aumenta. Todavia, o inverso não pode ser dito sobre os católicos. Possivelmente, os protestantes possuem uma maior ligação aos partidos democrata-cristão quando são pequenos ou de nicho, do que se forem *mainstream*. Mas o argumento da dependência institucional apresentado há pouco, de que os católicos seriam mais sensíveis ao crescimento da democracia-cristã do que os protestantes e isso iria diminuir a sua probabilidade de votar na direita radical não é corroborado pelos nossos resultados. Pelo contrário, no que toca ao voto na direita radical, os protestantes parecem mais dependentes da representação dos democrata-cristãos do que os católicos, apesar da razão subjacente continuar por explicar.

No seu estudo, Marcinkiewicz e Dassonneville (2022) descobriram evidências de que a religiosidade constrangia o voto na direita radical quando a representação dos democrata-cristãos era mais elevada. Ao contrário de Arzheimer & Carter (2009), que argumentaram que a religiosidade era suficiente para vacinar contra o voto na direita radical, Marcinkiewicz e Dassonneville (2022) descobriram evidências relativamente diferentes. Os autores advogam que a verdadeira vacinação contra o voto na direita radical estaria na interação entre a representação dos democratas-cristãos e a religiosidade. Por outras palavras, os cristãos mais religiosos seriam menos propensos a votar na direita radical quanto maior fosse a expressão

parlamentar da democracia cristã (Marcinkiewicz e Dassonneville, 2022). Contudo, o nosso estudo não corrobora esta perspetiva integralmente. Quando a escolha eleitoral se dá entre a direita radical e a democracia-cristã, esta interação não impacta o voto na direita radical.

Mas quando a escolha incide entre a direita radical e a direita moderada-secular, observamos um padrão diferente. Nos níveis de representação parlamentar baixa e média, um aumento da religiosidade está associado a uma diminuição da propensão de votar na direita radical, mas quando a representação é alta a probabilidade de votar nesta força aumenta. Isto pode significar duas coisas. Em primeiro lugar, os cristãos mais devotos podem preferir a direita radical à direita moderada-secular, quando os democrata-cristãos passam a pertencer ao *mainstream*, indicando uma possível ordem de preferências que segue a ordem democracia-cristã (1), direita radical (2) e direita moderada-secular (3). Em segundo, a interação entre a religiosidade e a representação democrata-cristão apenas vacina contra o voto na direita radical em determinados contextos de competição eleitoral. Isto não acontece, por exemplo, quando a escolha eleitoral se dá entre a direita radical e a democracia-cristã, o que demonstra que a vacinação, como concebida por Marcinkiewicz e Dassonneville (2022), não é necessariamente universal a todas as escolhas eleitorais que envolvem a direita radical.

Observamos ainda que, para os eleitores cristãos mais religiosos os partidos democrata-cristãos e de direita moderada-secular são equivalentes, no sentido em que ambos são preferíveis à direita radical. Contudo, os cristãos não parecem considerar que estas forças são equivalentes, quando se afere o efeito da representação dos democrata-cristãos sobre o voto na direita radical. Ou seja, o facto de os democrata-cristãos terem expressões parlamentares distintas faz com que os cristãos prefiram votar na direita radical, por comparação à direita moderada-secular. Mas se a escolha for entre a direita radical e a democracia cristã, a escolha é indiferente aos eleitores. Isto também se verifica no caso dos protestantes, que perante um crescimento da democracia cristã preferem votar na direita radical, por comparação à força anterior.

Resumindo este contributo, os nossos resultados, que indicam que a equivalência é dependente do contexto, contrastando com Marcinkiewicz e Dassonneville (2022) que argumentaram que, no que toca à relação entre eleitores religiosos e a direita radical, os partidos democrata-cristãos e a direita moderada-secular não são equivalentes de forma universal e com Gidron e Ziblatt (2019), que advogam que estas duas forças são equivalentes. Por outras palavras, em diferentes contextos os cristãos podem ou não considerar que a democracia cristã e a direita moderada-secular são competidores equivalentes da direita radical.

CONCLUSÃO

Este estudo foi escrito de forma a responder à seguinte pergunta de partida: Em que medida a religiosidade, as denominações cristãs e a representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos explicam o voto na direita radical, na Europa Ocidental? Através de dados do ESS (2024) e do Chappel Hill Survey (Rovny, et al., 2025), o nosso estudo traz dois contributos importantes para a literatura. Em primeiro lugar, apresenta algumas evidências de que o elemento de ligação ou separação mais importante entre os cristãos e a direita radical, ao invés da democracia-cristã, é a religiosidade. Este é o único fator capaz de transcender a competição entre as direitas e manter algum poder explicativo sobre o voto na direita radical, ao contrário das denominações cristãs e da representação dos partidos democrata-cristãos. O segundo contributo é a providência de evidências de que os partidos democrata-cristãos e de direita moderada-secular podem ser opositores equivalentes à direita radical, mas apenas em alguns contextos e para eleitores cristãos com determinadas características.

Contudo, existem algumas limitações que o nosso estudo não ultrapassa. Em primeiro lugar, os nossos critérios para a seleção de casos permite retirar uma amostra de apenas cinco países, o que nos deixa com um número de casos muito pequeno (609 e 404). Em segundo, a seleção de casos não nos permite fazer uma análise longitudinal que abranja um período largo, visto que algumas famílias partidárias abordadas neste estudo só alcançaram representação parlamentar recentemente. Assim, não nos é possível aferir os nossos resultados ao longo do tempo. Contudo, vale deixar claro que a maior parte dos trabalhos que dialogam de forma próxima com este projeto também não são longitudinais (Arzheimer & Carter, 2009; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015; Immerzeel & Jaspers, 2013). Por fim, o ESS (2024) não faz a distinção entre correntes do protestantismo, o que pode ocultar diferenças importantes entre denominações como o Luteranismo e Calvinismo, por exemplo.

Além disto, existem algumas questões que ficam por responder. A primeira prende-se com o motivo que pode levar os protestantes a serem mais propensos a votar na direita radical, em cenários de maior representação dos democrata-cristãos, algo que ficou por responder. A segunda está associada à disparidade dos nossos resultados com os de Marcinkiewicz e Dassonneville (2022), no que toca ao modo como a moderação da representação parlamentar dos partidos democrata-cristãos sobre a religiosidade afeta o voto na direita radical. O nosso estudo não identifica um efeito claro e significativo, ao contrário de Marcinkiewicz e

Dassonneville (2022). Apesar de abordamos anos diferentes, operacionalizamos o voto na direita radical e a religiosidade de forma levemente distinta, e de não fazermos uma análise a nível nacional, como os autores (Marcinkiewicz e Dassonneville, 2022), seria interessante perceber se existe alguma explicação substantiva por detrás destas disparidades. Como foi referido anteriormente, não existem, do nosso conhecimento, trabalhos longitudinais que dialoguem de forma próxima com o nosso estudo. Seria útil que algum estudo o fizesse, de modo a que fosse possível aferir os efeitos que têm sido identificados pela literatura ao longo do tempo (Arzheimer & Carter, 2009; Marcinkiewicz & Dassonneville, 2022; Montgomery & Winter, 2015; Immerzeel & Jaspers, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aichholzer, J., & Zandonella, M. (2016). Psychological bases of support for radical right parties. *Personality and Individual Differences, 96*, 185–190. https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.072

Aktas, M. (2024). The rise of populist radical right parties in Europe. *International Sociology, 39*(6), 591-605. https://doi.org/10.1177/02685809241297547

Arel-Bundock, V., Greifer, N. & Heiss, A. (2024). "How to Interpret Statistical Models Using marginaleffects for R and Python." *Journal of Statistical Software*, 111(9), 1–32. https://doi.org/10.32614/CRAN.package.marginaleffects

Arendt, H. (1958). A classless society. In *The origins of totalitarianism* (2nd edition, pp. 305–340). Meridian Books.

Arter, D. (2024). W(h)ither religious-niche parties? The Nordic Christians' search for the mainstream through an 'unsecular politics' strategy. *Religion, State and Society*, *52*(1), 21–42. https://doi.org/10.1080/09637494.2023.2293519

Arzheimer, K. (2018). Explaining electoral support for the radical right. In J. Rydgren (Ed.), *The Oxford handbook of the radical right* (pp. 143–168). Oxford University Press

Arzheimer, K. (2025). Islamophobia in Western Europe is unrelated to religiosity but highly correlated with far right attitudes. *Research & Politics, 12*(3), 1–7. https://doi.org/10.1177/20531680251351895

Arzheimer, K., & Berning, C. (2019). How the Alternative for Germany (AfD) and their voters veered to the radical right, 2013–2017. *Electoral Studies, 60(*102040), 1-31. https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.04.004

Arzheimer, K., & Carter, E. (2009). Christian religiosity and voting for West European radical right parties. *West European Politics, 32*(5), 985–1011. https://doi.org/10.1080/01402380903065058

Bale, T., & Rovira Kaltwasser, C. (2021). The mainstream right in Western Europe: Caught between the silent revolution and silent counter-revolution. In T. Bale & C. Rovira Kaltwasser (Eds.), *Riding the populist wave: Europe's mainstream right in crisis* (pp. 1–37). Cambridge University Press.

Bale, T., & Szczerbiak, A. (2008). Why is there no Christian democracy in Poland — and why should we care? *Party Politics, 14*(4), 479–500. https://doi.org/10.1177/1354068808090256

Borg, S., & Paloheimo, H. (2024). Party identification. In Å. von Schoultz & K. Strandberg (Eds.), *Political behaviour in contemporary Finland: Studies of voting and campaigning in a candidate-oriented political system* (pp. 119–136). Routledge.

Brubaker, R. (2017). Between nationalism and civilizationism: the European populist moment in comparative perspective. *Ethnic and Racial Studies*, *40*(8), 1191–1226. https://doi.org/10.1080/01419870.2017.1294700

Camus, J.Y. (2007). The European extreme right and religious extremism. *Central European Political Studies Review, 9*(4), 263–279. https://doi.org/10.4324/9780203080467

Coutinho, J. P. (2016). Religiosity in Europe: An index, factors, and clusters of religiosity. *Sociologia, Problemas e Práticas,* (81), 163–188. https://doi.org/10.7458/SPP2016816251

Cunha, C., & Voerman, G. (2007). The digitalization of the West European party systems. In A.-V. Anttiroiko & M. Malkia (Eds.), *Encyclopedia of digital government (Vols. 3)* (pp. 387–401). Idea Group Reference.

Döring, H., & Manow, P. (2024). ParlGov 2024 Release (Version V1) [Dataset]. Harvard Dataverse. https://doi.org/10.7910/DVN/2VZ5ZC

Duncan, F. (2013). Preaching to the converted? Christian Democratic voting in six west European countries. *Party Politics*, *21*(4), 577-590. https://doi.org/10.1177/1354068813487118

European Social Survey European Research Infrastructure (ESS ERIC). (2024). *ESS11 integrated file, edition 2.0* [Dataset]. Sikt - Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. https://doi.org/10.21338/ess11e02_0

European Social Survey European Research Infrastructure (ESS ERIC) (2023) *ESS8 - integrated file, edition 2.3* [Data set]. Sikt - Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. https://doi.org/10.21338/ess8e02_3

Gidron, N., & Ziblatt, D. (2019). Center-right political parties in advanced democracies. *Annual Review of Political Science, 22*, 17–35. https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-090717-092750

Giles, M., & Cairns, E. (1996). Frequência à igreja na Irlanda do Norte: Comparação entre católicos e protestantes. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 6*(4), 299–305. https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1298(199610)6:4<299::AID-CASP379>3.0.CO;2-E

Gorski, P. S., & Altınordu, A. (2008). After secularization? *Annual Review of Sociology, 34,* 55–85. https://doi.org/10.1146/annurev.soc.34.040507.134740

Hadj-Abdou, L. (2016). *The 'Religious Conversion' of the Austrian Freedom Party*. In N. Marzouki, D. McDonnell & O. Roy (Eds.), Saving the People. How Populists Highjack Religion (pp. 29-46). Oxford University Press.

Hafez, F. (2014). Shifting borders: Islamophobia as common ground for building pan-European right-wing unity. *Patterns of Prejudice, 48*(5), 479–499. https://doi.org/10.1080/0031322X.2014.965877

Immerzeel, T., Jaspers, E., & Lubbers, M. (2013). Religion as catalyst or restraint of radical right voting? *West European Politics, 36*(5), 946–968. https://doi.org/10.1080/01402382.2013.797235

Inter-Parliamentary Union. (2025). *Election results*. https://data.ipu.org/elections/

Jagodzinski, W., & Dobbelaere, K. (1995). Secularization and church religiosity. In J. W. van Deth & E. Scarbrough (Eds.), *The impact of values: Beliefs in government* (pp. 76-119). Oxford University Press

Kalyvas, S. N. (1998). From pulpit to party: Party formation and the Christian Democratic phenomenon. *Comparative Politics, 30*(3), 293–312. https://doi.org/10.2307/421988

Kalyvas, S. N., & van Kersbergen, K. (2010). Christian democracy. Annual Review of Political Science, 13, 183–209. https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.11.021406.172506

Karavasilis, L. (2024). What's left of the populist radical left? SYRIZA and Die Linke compared. *Journal of Political Ideologies*, 1–18. https://doi.org/10.1080/13569317.2024.2369904

Kekkonen, A., Kawecki, D., & Himmelroos, S. (2024). Friends and foes: Affective polarization among Finnish voters. In Å. von Schoultz & K. Strandberg (Eds.), *Political behaviour in contemporary Finland: Studies of voting and campaigning in a candidate-oriented political system* (pp. 137–156). Routledge.

Kline, R. B. (2016). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (4th ed.). New York, NY: The Guilford Press.

Knutsen, O. (2004). Religious Denomination and Party Choice in Western Europe: A Comparative Longitudinal Study from Eight Countries, 1970-97. *International Political Science Review, 25*(1), 97–128. http://www.jstor.org/stable/1601624

Lopes, H. F., & Heyne, L. (2024). Método comparativo. Em S. R. Nina, P. Silveira, L. Reis, & J. Terrenas (Eds.), *Manual de métodos de investigação em ciência política* (pp. 37–60). Almedina.

Lubbers, M., Gijsberts, M., & Scheepers, P. (2003). Extreme right-wing voting in Western Europe. *European Journal of Political Research, 41*(3), 345–378. https://doi.org/10.1111/1475-6765.00015

Lüchau, P. (2007). By faith alone? Church attendance and Christian faith in three European countries. *Journal of Contemporary Religion, 22*(1), 35–48. https://doi.org/10.1080/13537900601114479

Marcinkiewicz, K., & Dassonneville, R. (2022). Do religious voters support populist radical right parties? Opposite effects in Western and East-Central Europe. *Party Politics, 28*(3), 444–456. https://doi.org/10.1177/1354068820985187

Marôco, J. (2021) Regressão Linear. Em *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (p. 745). Cafilesa, Lda.

Martin, D. A. (1985). Religion and public values: A Catholic-Protestant contrast. *Review of Religious Research, 26*(4), 313–331. https://doi.org/10.2307/3511047

Mazzoleni, O. (2016). Populism and Islam in Switzerland: The Role of the Swiss People's Party. In N. Marzouki, D. McDonnell & O. Roy (Eds.), *Saving the People. How Populists Highjack Religion* (pp. 47-60). Oxford University Press.

Michel, E., Garzia, D., Ferreira da Silva, F., & De Angelis, A. (2020). Leader effects and voting for the populist radical right in Western Europe. *Swiss Political Science Review, 26*(3), 273–295. https://doi.org/10.1111/spsr.12404

Minkenberg, M. (2018). Religion and the radical right. In J. Rydgren (Ed.), *The Oxford handbook of the radical right* (pp. 366–393). Oxford University Press

Montgomery, K. A., & Winter, R. (2015). Explaining the religion gap in support for radical right parties in Europe. *Politics and Religion, 8*(2), 379–403. https://doi.org/10.1017/S1755048315000292

Mudde, C. (2020). *O regresso da ultradireita: Da direita radical à direita extremista* (1.ª ed.). Editorial Presença.

Norris, P. (2005). *Radical right: Voters and parties in the electoral market*. Cambridge University Press.

Norris, P., & Inglehart, R. (2019). Who votes for authoritarian-populist parties? In *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism* (1st ed., pp. 257–293). Cambridge University Press.

Rovny, J., Bakker, R., Hooghe, L., Jolly, S., Marks, G., Polk, J., Rovny, J., Steenbergen, M., & Vachudova, M.A. (2025). ``The 2024 Chapel Hill Expert Survey on political party positioning in Europe: Twenty-five years of party positional data." [Data set]. Electoral Studies 97 (October). https://doi.org/10.1016/j.electstud.2025.102981

Rydgren, J. (2007). The sociology of the radical right. *Annual Review of Sociology, 33*, 241–262. https://doi.org/10.1146/annurev.soc.33.040406.131752

Rydgren, J. (2009). Social isolation? Social capital and radical right-wing voting in Western Europe. *Journal of Civil Society, 5*(2), 129–150. https://doi.org/10.1080/17448680903154915

Schwengler, B. (2005). Le clivage électoral catholique-protestant revisité (France, Allemagne fédérale, Suisse). *Revue française de science politique, 55*(3), 381–412. https://doi.org/10.3917/rfsp.553.0381

Schwörer, J., & Fernández-García, B. (202). Religion on the rise again? A longitudinal analysis of religious dimensions in election manifestos of Western European parties. *Party Politics*, *27*(6), 1160-1171. https://doi.org/10.1177/1354068820938008

Schwörer, J., & Romero-Vidal, X. (2020). Radical right populism and religion: mapping parties' religious communication in Western Europe. *Religion, State and Society*, *48*(1), 4–21. https://doi.org/10.1080/09637494.2019.1704611

Siegers, P., & Jedinger, A. (2020). Religious Immunity to Populism: Christian Religiosity and Public Support for the Alternative for Germany. *German Politics*, *30*(2), 149–169. https://doi.org/10.1080/09644008.2020.1723002

Stankov, N., & Živković, S. (2022). May the lord protect our country: Ethnic relations as a moderator between religiosity and radical right vote. *Journal of Contemporary European Studies, 30*(3), 521–535. https://doi.org/10.1080/14782804.2021.1952167

Stavrakakis, Y., & Katsambekis, G. (2014). Left-wing populism in the European periphery: the case of SYRIZA. *Journal of Political Ideologies*, *19*(2), 119–142. https://doi.org/10.1080/13569317.2014.909266

Tomka, M., & Harcsa, I. (1999). Denomination and religious practice. In R. Andorka, T. Kolosi, R. Rose, & G. Vukovich (Eds.), *A society transformed: Hungary in time-space perspective* (pp. 61–72). CEU Press.

Valentim, V. (2024). *O fim da vergonha: Como a direita radical se normalizou* (1.ª ed.). Gradiva.

Van der Brug, W., & Fennema, M. (2003). Protest or mainstream? How the European anti-immigrant parties developed into two separate groups by 1999. *European Journal of Political Research, 42*(1), 55–76. https://doi.org/10.1111/1475-6765.00074

Van Kessel, S. (2016). Using Faith to Exclude: The Role of Religion in Dutch Populism. In N. Marzouki, D. McDonnell & O. Roy (Eds.), *Saving the People. How Populists Highjack Religion* (pp. 61-78). Oxford University Press.

Werts, H., Scheepers, P., & Lubbers, M. (2012). Euro-scepticism and radical right-wing voting in Europe, 2002–2008: Social cleavages, socio-political attitudes and contextual characteristics determining voting for the radical right. *European Union Politics*, *14*(2), 183-205. https://doi.org/10.1177/1465116512469287

Xia, W. (2021). Mediators explaining radical right voting patterns of Christians in Europe: Attitudes toward immigrants, values, or social capital? *Social Science Research, 97*(102575), 1-17. https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2021.102575

ANEXOS

Anexo A - Consistência interna ("How religious are you"; "How often attend religious services apart from special occasions", invertida; "How often pray apart from at religious services", invertida)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,774	3

Anexo B – 1º Bloco da 1ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,300	,200	2,242	1	,134	,741
	Age of respondent, calculated	-,052	,007	56,293	1	<,001	,949
	Years of full-time education completed	-,107	,036	8,683	1	,003	,898
	Household's total net income, all sources	-,224	,047	22,916	1	<,001	,800
	Constant	4,833	,764	39,979	1	<,001	125,611

a. Variable(s) entered on step 1: Gender, Age of respondent, calculated, Years of full-time education completed, Household's total net income, all sources.

Anexo C – 2º Bloco da 1ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,152	,209	,529	1	,467	,859
	Age of respondent, calculated	-,045	,007	38,875	1	<,001	,956
	Years of full-time education completed	-,108	,039	7,599	1	,006	,898
	Household's total net income, all sources	-,240	,048	24,712	1	<,001	,786
	Religiosidade_Centrada	-,357	,065	29,941	1	<,001	,700
	Representacao_Centrada	,007	,025	,080	1	,777	1,007
	Catolico_Centrada	-,168	,399	,177	1	,674	,846
	Constant	4,878	,812	36,054	1	<,001	131,332

a. Variable(s) entered on step 1: Religiosidade_Centrada, Representacao_Centrada, Catolico_Centrada.

Anexo D – 3º Bloco da 1ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,178	,211	,717	1	,397	,837
	Age of respondent, calculated	-,046	,007	39,066	1	<,001	,955
	Years of full-time education completed	-,107	,039	7,403	1	,007	,898
	Household's total net income, all sources	-,241	,049	24,302	1	<,001	,786
	Religiosidade_Centrada	-,369	,076	23,531	1	<,001	,691
	Representacao_Centrada	-,003	,029	,008	1	,930	,997
	Catolico_Centrada	-,284	,464	,373	1	,541	,753
	Religiosidade_Centrada by Representacao_Centrada	-,001	,016	,005	1	,942	,999
	Catolico_Centrada by Religiosidade_Centrada	,137	,235	,341	1	,559	1,147
	Catolico_Centrada by Representacao_Centrada	-,050	,052	,921	1	,337	,951
	Constant	5,097	,840	36,810	1	<,001	163,549

a. Variable(s) entered on step 1: Religiosidade_Centrada * Representacao_Centrada , Catolico_Centrada * Religiosidade_Centrada , Catolico_Centrada * Representacao_Centrada .

Anexo E – 1º Bloco da 2ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,300	,200	2,242	1	,134	,741
	Age of respondent, calculated	-,052	,007	56,293	1	<,001	,949
	Years of full-time education completed	-,107	,036	8,683	1	,003	,898
	Household's total net income, all sources	-,224	,047	22,916	1	<,001	,800
	Constant	4,833	,764	39,979	1	<,001	125,611

a. Variable(s) entered on step 1: Gender, Age of respondent, calculated, Years of full-time education completed, Household's total net income, all sources.

Anexo F – 2º Bloco da 2ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,153	,209	,539	1	,463	,858
	Age of respondent, calculated	-,045	,007	39,232	1	<,001	,956
	Years of full-time education completed	-,107	,039	7,478	1	,006	,899
	Household's total net income, all sources	-,241	,048	24,823	1	<,001	,786
	Religiosidade_Centrada	-,354	,065	29,604	1	<,001	,702
	Protestante_Centrada	,059	,407	,021	1	,885	1,061
	Representacao_Centrada	,002	,025	,009	1	,926	1,002
	Constant	4,875	,812	36,053	1	<,001	130,955

a. Variable(s) entered on step 1: Religiosidade_Centrada, Protestante_Centrada, Representacao_Centrada.

Anexo G – 3º Bloco da 2ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,208	,212	,963	1	,326	,812
	Age of respondent, calculated	-,047	,007	40,676	1	<,001	,954
	Years of full-time education completed	-,106	,039	7,290	1	,007	,900
	Household's total net income, all sources	-,242	,049	24,393	1	<,001	,785
	Religiosidade_Centrada	-,365	,078	22,175	1	<,001	,694
	Protestante_Centrada	,308	,472	,424	1	,515	1,360
	Representacao_Centrada	-,017	,029	,341	1	,559	,983
	Protestante_Centrada by Religiosidade_Centrada	-,294	,247	1,417	1	,234	,745
	Religiosidade_Centrada by Representacao_Centrada	-,006	,017	,126	1	,723	,994
	Protestante_Centrada by Representacao_Centrada	,099	,052	3,565	1	,059	1,104
	Constant	5,312	,844	39,650	1	<,001	202,692

a. Variable(s) entered on step 1: Protestante_Centrada * Religiosidade_Centrada , Religiosidade_Centrada * Representacao_Centrada , Protestante_Centrada * Representacao_Centrada .

Anexo H – 1º Bloco da 3ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,372	,238	2,436	1	,119	,690
	Age of respondent, calculated	-,026	,007	12,761	1	<,001	,974
	Years of full-time education completed	-,220	,042	27,538	1	<,001	,802
	Household's total net income, all sources	-,315	,054	34,316	1	<,001	,730
	Constant	6,173	,878	49,465	1	<,001	479,524

a. Variable(s) entered on step 1: Gender, Age of respondent, calculated, Years of full-time education completed, Household's total net income, all sources.

Anexo I – 2º Bloco da 3ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,441	,259	2,901	1	,089	,643
	Age of respondent, calculated	-,021	,008	7,101	1	,008	,979
	Years of full-time education completed	-,188	,044	18,191	1	<,001	,828
	Household's total net income, all sources	-,313	,058	28,981	1	<,001	,731
	Religiosidade_Centrada	-,151	,079	3,661	1	,056	,860
	Catolico_Centrada	-,529	,444	1,418	1	,234	,589
	Representacao_Centrada	,124	,024	26,436	1	<,001	1,132
	Constant	5,592	,929	36,223	1	<,001	268,371

a. Variable(s) entered on step 1: Religiosidade_Centrada, Catolico_Centrada, Representacao_Centrada.

Anexo J – 3º Bloco da 3ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,390	,263	2,195	1	,138	,677
	Age of respondent, calculated	-,018	,008	4,901	1	,027	,982
	Years of full-time education completed	-,186	,045	17,155	1	<,001	,830
	Household's total net income, all sources	-,315	,059	28,369	1	<,001	,730
	Religiosidade_Centrada	-,175	,083	4,483	1	,034	,839
	Catolico_Centrada	-,353	,478	,547	1	,460	,702
	Representacao_Centrada	,116	,027	18,272	1	<,001	1,123
	Catolico_Centrada by Religiosidade_Centrada	-,382	,260	2,158	1	,142	,683
	Religiosidade_Centrada by Representacao_Centrada	,033	,016	4,369	1	,037	1,034
	Catolico_Centrada by Representacao_Centrada	,014	,051	,080	1	,778	1,015
	Constant	5,306	,962	30,435	1	<,001	201,607

a. Variable(s) entered on step 1: Catolico_Centrada * Religiosidade_Centrada , Religiosidade_Centrada * Representacao_Centrada , Catolico_Centrada * Representacao_Centrada .

Anexo K – 1º Bloco da 4ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,372	,238	2,436	1	,119	,690
	Age of respondent, calculated	-,026	,007	12,761	1	<,001	,974
	Years of full-time education completed	-,220	,042	27,538	1	<,001	,802
	Household's total net income, all sources	-,315	,054	34,316	1	<,001	,730
	Constant	6,173	,878	49,465	1	<,001	479,524

a. Variable(s) entered on step 1: Gender, Age of respondent, calculated, Years of full-time education completed, Household's total net income, all sources.

Anexo L – 2º Bloco da 4ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,442	,259	2,905	1	,088	,643
	Age of respondent, calculated	-,021	,008	6,747	1	,009	,979
	Years of full-time education completed	-,185	,044	17,607	1	<,001	,831
	Household's total net income, all sources	-,312	,058	28,875	1	<,001	,732
	Religiosidade_Centrada	-,154	,079	3,762	1	,052	,857
	Protestante_Centrada	,581	,469	1,537	1	,215	1,788
	Representacao_Centrada	,126	,025	25,263	1	<,001	1,134
	Constant	5,515	,929	35,262	1	<,001	248,335

a. Variable(s) entered on step 1: Religiosidade_Centrada, Protestante_Centrada, Representacao_Centrada.

Anexo M – 3º Bloco da 4ª Regressão

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1[a]	Gender(1)	-,440	,261	2,828	1	,093	,644
	Age of respondent, calculated	-,021	,008	6,325	1	,012	,980
	Years of full-time education completed	-,181	,044	16,731	1	<,001	,835
	Household's total net income, all sources	-,309	,059	27,907	1	<,001	,734
	Religiosidade_Centrada	-,171	,083	4,198	1	,040	,843
	Protestante_Centrada	,722	,572	1,594	1	,207	2,058
	Representacao_Centrada	,113	,028	16,261	1	<,001	1,120
	Protestante_Centrada by Religiosidade_Centrada	,012	,273	,002	1	,966	1,012
	Religiosidade_Centrada by Representacao_Centrada	,019	,016	1,384	1	,239	1,019
	Protestante_Centrada by Representacao_Centrada	,045	,055	,668	1	,414	1,046
	Constant	5,526	,946	34,101	1	<,001	251,208

a. Variable(s) entered on step 1: Protestante_Centrada * Religiosidade_Centrada , Religiosidade_Centrada * Representacao_Centrada , Protestante_Centrada * Representacao_Centrada .